



## SER MULHER, MÃE E SEM TETO: MULHERES DO MOVIMENTO SEM TETO DA BAHIA, SEU MÚLTIPLOS PAPEIS E ESPAÇOS

Helaine Pereira de Souza<sup>1</sup>  
Vanessa Simon Cavalcanti<sup>2</sup>

**Resumo:** Enquanto Movimento Social, o Movimento dos Sem Tetos de Salvador (MSTS), que mais tarde adotará o nome de Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), surge em junho do ano de 2003, após ocupação no bairro de Mussurunga na capital baiana, em assembléia que deliberou a fundação do Movimento. Aponta-se como uma forma de resistência no espaço urbano, que busca não apenas um “teto” particular, mas sim a constituição de “comunidades de bem viver”. O Movimento surge como resposta à violação do direito de moradia. O Movimento Sem Teto da Bahia é composto majoritariamente por afro-descendentes, dentre estes as mulheres são expressiva maioria. Essa composição do Movimento nos remete a análise da sociedade atual e suas transformações. Cada vez mais a mulher tem se desvinculado do lar, e partido para os espaços públicos. Sendo assim, não é mais possível entender classe e gênero como questões incompatíveis, e nesse contexto a mulher assume papel de extrema relevância, pois é ela quem detém o poder na esfera domiciliar. Mulheres estas, que desde os primeiros passos do movimento se afirmavam uma presença maciça. Discutir as relações de gênero, e o papel da mulher nesse espaço é a principal pretensão desse trabalho. Quem são estas mulheres; como se comporta, age e interage nesse ambiente. Como assume o papel de mãe, educadora, mulher.

**Palavras-chave:** Movimentos sociais; Gênero; Empoderamento

### HISTÓRICO DAS OCUPAÇÕES NA BAHIA

Segundo notícias do Jornal Diário da Bahia, as ocupações na cidade do Salvador datam de 1912. O Jornal refere-se à invasão, o que é definido pela ocupação consolidada, uma vez que se a ocupação não obtivesse êxito, não chegaria e receber essa denominação.

Entres as décadas de 1940-1950 há um notório crescimento na população baiana, em virtude da crescente industrialização. E conseqüentemente no número de ocupações. Até a década de 40 a economia se voltava para o setor agro-exportador, a partir de 50 a cidade começa a se industrializar, a crise do cacau irá trazer retirantes do campo para capital, o que ocasionará o inchaço da cidade. Os mocambos que até então supria a necessidade da população nesse momento passa a não satisfazer mais. Novas formas de moradias precisam ser encontradas. E ocupar imóveis sem uso apontar-se-á como uma solução.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador - UCSal. /bolsista FAPESB. Integrante do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Juventudes, Identidades, Cidadania e Cultura (NPEJI) Diretório de Pesquisa CNPq, alocado no Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea Universidade Católica do Salvador (UCSAL). [helainep.souza@hotmail.com](mailto:helainep.souza@hotmail.com) - Autora.

<sup>2</sup> Pós-doutorada em Humanidades pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha, Professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Orientadora.



Entre as décadas de 1960 e 1970 a refinaria Landufo Alves instala-se na região Metropolitana do estado baiano, e nem a Ditadura Militar será capaz de frear as novas ondas de ocupações, como acontece na crise do cacau, a refinaria atrairá um contingente vindo do campo para as regiões próximas a capital. Novamente ocorrerá um boom nas ocupações pela cidade.

## QUEM SÃO OS SEM-TETOS

Como Movimento social, o Movimento dos Sem Tetos de Salvador (MSTS), que mais tarde adotará o nome de Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), surge em junho do ano de 2003, após ocupação no bairro de Mussurunga na capital baiana, em assembléia que deliberou a fundação do Movimento.

Segundo apontado pelos mesmo, os Sem Tetos são herdeiros de séculos de exclusão e pela falta de uma política que reparasse, ao menos amenizasse mais de três séculos de escravidão. Para tanto, atualmente é considerado, segundo o Movimento, sem teto todo aquele que não possui qualquer moradia para si ou para sua família, ou que não tem condições financeiras de pagar aluguel, que mora embaixo de pontes ou viadutos e ainda aquele que moram de favor.

Aponta-se como uma forma de resistência no espaço urbano, que busca não apenas um “teto” particular, mas sim a constituição de “comunidades de bem viver”, que busca a construção de um novo modelo de sociedade na qual haja uma inversão de prioridades. Descrita na fala de Pedro Cardoso, coordenador do Movimento, em entrevista a essa pesquisa: “Se lá fora pregam a intolerância religiosa, aqui dentro pregamos o ecumênico, se lá fora há preconceito racial, aqui democracia racial”, 2007.

Trecho retirado do Documento produzido pelo movimento, Quem somos nós e para onde vamos, 2005, identifica como os integrantes desse Movimento enxergam suas raízes na História do Brasil:

Somos sem-teto, mas não apenas, pois a realidade da escravidão pariu a realidade da exclusão, negando-nos trabalho, saúde, segurança pública, educação, espaços de arte e lazer, enfim, condições elementares de vida. Estas questões são, portanto, reivindicações legítimas do MSTB. Referenciando-nos na luta pela conquista de uma sociedade que seja capaz de efetivar de maneira profunda as liberdades política, econômica, social, cultural e religiosa; buscamos não apenas um “teto” particular, mas sim a constituição de *comunidades de bem viver*. Empunhando a bandeira da Reforma Urbana, ao fundo afirmamos a força de relações sociais baseadas em idéias de liberdade e não da negação dos direitos de milhões. (Quem somos nós e para onde vamos, MSTB, 2005)

Empunhando a bandeira da Reforma Urbana, e afirmando a força de relações sociais baseadas em idéias de liberdade e não da negação dos direitos de milhões. O Movimento surge como resposta à violação do direito de moradia, pois segundo a Constituição que aqui rege, mais exatamente no seu artigo 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”.



A luta é contra a lógica perversa das metrópoles brasileiras: sobram terra e habitações, falta moradia. A especulação imobiliária transforma terra urbana em promessa de lucro e alimenta o processo de degradação humana, o caos urbano.

## **COMO SE ORGANIZAM**

O lema do Movimento é: “Organizar, Ocupar e Resistir”. Organizar pode ser exemplificado no sentido de levantar dados sobre o imóvel ou terreno a ser ocupado, e para isso há um trabalho prévio que busca verificar a quem pertence, função a que se destina e o tempo de abandono. Ocupar ocorre depois da deliberação do grupo. Resistir, caracteriza-se pela luta cotidiana dos integrantes desse movimento, não só pela manutenção de posse dos imóveis e terrenos, mas a soma desses fatores ao esforço, que vai de encontro à lógica capitalista e matêm viva a tentativa de constituir uma comunidade de bem viver.

Dentro do Movimento são destacáveis três esferas: o núcleo, que tem a função de mobilizar e cadastrar famílias, não só para ocupações como também passeatas, dados imprecisos do próprio movimento apontam para 26 mil cadastrados; a ocupação, é onde as famílias se encontram instaladas, podem do ser em prédios ou terrenos, públicos ou particulares, que estejam abandonados por pelo menos cinco anos, e que não venha apresentando função social, atualmente são cerca de trinta; a comunidade, é local da conquista da moradia. Atualmente o MSTB possui apenas duas comunidades na capital soteropolitana, a comunidade de Valéria e da Estrada Velha do Aeroporto (EVA, KM 12), local da primeira ocupação do Movimento.

O Regimento Interno Movimento dos Sem Teto da Bahia aprovado no “I Congresso do Movimento dos Sem Teto de Salvador” indicam três instâncias deliberativas, cada qual com atribuições próprias:

### **ART. 1**

São instâncias de deliberação:

- I. Brigadas;
- II. Coordenação Local;
- III. Assembléia Local;
- IV. Coordenação Municipal;
- V. Coordenação Estadual; e
- VI. Congresso Estadual.

## **EXPRESSIVA MAIORIA**

O Movimento Sem Teto da Bahia é composto majoritariamente por afro-descendentes, dentre estes as mulheres são expressiva maioria, formam 68% da população total do Movimento, CLOUX, 2007.

Na I Marcha dos Sem Teto, ao lado das bandeiras, vassouras e painéis chamavam a atenção do público no longo trajeto. Eram as mulheres, que desde os primeiros passos do movimento não apenas afirmavam uma



presença maciça, como também transformavam objetos considerados símbolos da opressão doméstica em verdadeiros símbolos de luta. Quem somos nós e para onde vamos, MSTB, 2005

Essa composição do Movimento nos remete a análise da sociedade atual e suas transformações. Cada vez mais a mulher tem se desvinculado do lar, e partido para os espaços públicos. Outra questão que se pode levantar é da violabilidade do casamento, antes “indissolúvel”, hoje cada dia menos duradouro, é quando ocorre a separação, na maioria dos casos, o cuidado com os filhos é de responsabilidade da mãe.

Entretanto, não é mais possível entender classe e gênero como questões incompatíveis, e nesse contexto a mulher assume papel de extrema relevância, pois segundo Michelle Perrot, 1988, é ela quem detém o poder na esfera domiciliar. Mulheres estas, que desde os primeiros passos do movimento se afirmavam uma presença maciça. Discutir as relações de gênero e o papel da mulher nesse espaço é a principal pretensão desse estudo. Quem são estas mulheres; como se comporta, age e interage nesse ambiente. Como assume o papel de mãe, educadora, mulher.

### **“EXÉRCITO DE DESEMPREGADAS DE SALVADOR”**

“As mulheres do MSTB fazem parte do exército de desempregadas de Salvador que, mesmo quando conseguem um trabalho, este é tão precário que não garante melhorias nas suas condições de vida e de sua família.” (Quem somos nós e para onde vamos, MSTB, 2005)

Os trabalhos da população feminina do Movimento consistem basicamente em: empregadas domésticas, as chamadas diaristas, sem qualquer vínculo empregatício, prestam serviços de lavadeiras, arrumadeiras, tarefas domésticas de forma geral; catadoras de resíduos sólidos, uma tarefa de matriz familiar, pois não há presença de cooperativas que auxiliam nesse sentido; pescadoras e marisqueiras, grande parte das ocupações do MSTB encontram-se na região do subúrbio soteropolitano, região esta, banhada pela baía de Todos os Santos, então além da atividade formal, ao caminhar pelas ocupações dessa localização, entre o horário de 11h30min às 13h é possível observar as mulheres atuando como marisqueiras para garantir a refeição do dia.

Muitas estão sem marido, porém, com filhos para criar. Atingidas por uma política econômica que não gera emprego e renda - tornando impossível o pagamento de aluguel, sobretudo para a população feminina e negra - desprotegidas por uma legislação trabalhista que não garante boas condições de trabalho, têm na luta pela moradia, e mais amplamente na bandeira da Reforma Urbana, a esperança de uma existência digna também para seus filhos e filhas. (Quem somos nós e para onde vamos, MSTB, 2005)

### **PODER NA ESFERA DOMICILIAR**

Passo o dia cuidando de meus filhos, enquanto meu marido vai para a rua procurar emprego ou fazer algum biscate. (Tânia Pereira de Souza in JORNAL A TARDE 10.05.2004 apud CLOUX, 2007)



Sem pagar o aluguel estou conseguindo mais dinheiro para comprar alimentos e ajudar na educação de meus filhos. (Alaíde Mota Santana in JORNAL A TARDE 10.05.2004 apud CLOUX, 2007)

Além de ter uma casa própria, preciso melhorar a renda, pois como está não tenho conseguido manter meus filhos. (Damiana Conceição dos Santos in JORNAL A TARDE 10.05.2004 apud CLOUX, 2007)

“Considero todos aqui como uma família, por isso sempre estou preocupada com a manutenção da união e da paz para conseguirmos dias melhores.” (Dinalva Oliveira Carvalho in JORNAL A TARDE 10.05.2004 apud CLOUX, 2007)

Ao dar voz as mulheres Sem Teto percebe-se o quanto estas estão ligadas a maternidade, a família e, por conseguinte a casa. Elas representam o poder na esfera domiciliar. Em grande número são mais solteiras, e quando não o são precisam de alguma forma completar a renda do companheiro, que nem sempre supri as necessidades domésticas.

A mulher é a responsável pela educação na esfera domiciliar, é ela quem cuida das crianças, mesmo que a lógica capitalista e seus mecanismos contribuam para a falência, como apontando por tantos outros autores, das relações familiares, é ela que passa a maior parte do tempo com estas, se na coerência do movimento cabe a mulher a função de educar, cabe a ela também a propagação das idéias em comum, da manutenção de uma identidade de grupo através da narração. Portanto, seria papel da mãe-mulher despertar nas seguintes gerações afinidade e o sentimento de pertencimento com o grupo.

## **NÃO SUBJUGAÇÃO SEXUAL**

Tem muitas mulheres que tem vergonha de ser sem teto. Mas muitas são separadas e não tem condições de ter um teto. Mas eu digo: eu tenho orgulho de participar do movimento. Porque eu quero ter meu teto e não depender de homem. E é isso que todas as mulheres deveriam pensar. (Carla in PRONZATO, 2004)

A partir da fala da militante do MSTB percebe-se o sentimento de empoderamento, a quebra de paradigmas e construções sociais que determinam a mulher sendo submissa ao homem, que vê a desigualdade como uma construção natural, antes disso é uma situação cultural construída socialmente.

A violência contra a mulher ainda é uma prática comum a sociedade contemporânea, baseada numa possível fragilidade do sexo feminino ela torna-se justificável. Todavia trata-se de uma situação que deixa marcas perceptíveis, seja ela física ou psicológica. Referindo-se a uma realidade de convivência muito próxima, onde o que separa uma família de outra é apenas uma folha de “maderite”, material muito usado na confecção dos barracos, essa exposição fica muito mais evidente, o que facilita a denúncia.

A cidade do Salvador conta com apenas uma delegacia especializada nas questões femininas, localizada no bairro de Brotas. Contudo foi a região do Subúrbio ferroviário, já citado



como grade concentração das ocupações, que despontou como maior número de casos registrados desse tipo de violência, fazendo necessário um módulo policial especializado que atendesse essa demanda.

Além da denúncia, primeira medida adotada quando caracterizado qualquer tipo de violência, outra posição, que parece ter surtido efeito, baseia-se em dotar a mulher de certo poder, isso acontece, por exemplo, quando as famílias são beneficiadas com a moradia, preferencialmente a mulher terá o registro de posse da casa, fortalecendo uma concepção ainda presente na sociedade contemporânea de ligar a mulher a casa, a estabilidade e a família.

Posicionamentos que constam no Regimento Interno Movimento dos Sem Teto da Bahia garantem igualdade étnica, social e de gênero:

**ART. 12.**

Todos os filiados são iguais, independente de condição social, raça, gênero, opção sexual, credo religioso, não sendo permitido o privilégio de qualquer um, seja ele militante de núcleo, ocupação ou qualquer instância de direção do Movimento.

O Regimento também indica possíveis sanções aqueles que violarem tais normas da convivência:

**ART. 22**

Será passível de expulsão do Movimento o filiado que cometer roubo, estupro, espancamento, particularmente contra mulheres e crianças, homicídio, uso e tráfico de drogas, usar indevidamente o nome do Movimento ou quaisquer outros crimes que tragam problemas para este.

## **DIFERENTES PAPÉIS**

Faz parte do cotidiano ligar a mulher à maternidade, por isso pensar como pode a mesma gestar no contexto desse movimento marcado pela intinerância, destacando-se a presença de crianças que foram gestados e criados dentro do MSTB, é um fator suscita algumas questões da participação feminina dentro da lógica do Movimento. Primeiro fato a se destacar é diferentes sociedades visualizam a gravidez a sua maneira. As mudanças físicas no corpo feminino são inegáveis, contudo a nossa sociedade manifesta sua opinião sobre o assunto através do famoso clichê: “gravidez não é doença”. E as mulheres, não só do movimento em questão, como também nos Sem Terras, ajudam na desconstrução desses antigos conceitos.

A mulher é a responsável pela educação na esfera domiciliar, é ela quem cuida das crianças, mesmo que a lógica capitalista e seus mecanismos contribuam para a falência, como apontando por tantos outros autores, das relações familiares, é ela que passa a maior parte do tempo com estas, se na coerência do movimento cabe a mulher a função de educar, cabe a ela também a propagação das idéias em comum, da manutenção de uma identidade de grupo através da narração. Portanto, seria papel da mãe-mulher despertar nas seguintes gerações afinidade e o sentimento de pertencimento com o grupo.

Herdeira de um legado de pobreza, mas também de ousadia e esperança, pela sua condição de gênero, raça e classe, a presença feminina, em sua



grande maioria negra, mostra imensa expressão nas ocupações, núcleos e nas manifestações de rua promovidas pelo Movimento. A saída do âmbito doméstico e a inserção na política, seja nos cargos de direção, seja participando das ocupações, traz novas possibilidades para as mulheres do MSTB, que passam a se familiarizar com o público das ruas e dos espaços de poder, ao tempo em que podem vir a questionar o que acontece entre quatro paredes, a exemplo das divisões do trabalho doméstico com marido e filhos. Por tudo isso, constituem fortes referências para a construção das *comunidades de bem viver* baseadas em relações de gênero igualitárias. (Quem somos nós e para onde vamos, MSTB, 2005)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser um Movimento institucionalmente novo, datado de 2003, umas vez que as ocupações no estado baiano tem marco anterior a este ano, e por se destacar no cenário atual como uma forma de resistência ao descumprimento da lei que reza que moradia é um direito de todo o cidadão, é que se faz necessário o aprofundamento dos estudos sobre o Movimento.

Esse estudo aponta para a legitimidade do Movimento dentro da lógica capitalista que furta o ser humano de necessidades básicas, privando-o dos meios de sobrevivência.

Desde a fundação as mulheres apontam como expressiva maioria no MSTB. Esse trabalho nasce da necessidade de enxergar a mulher nesse espaço.

Negando a exclusão dessas mulheres, todavia advogando a atuação das mesmas como protagonistas da História. São acima de tudo mulheres, que mesmo pertencentes a um determinado grupo, possuem expectativas e trajetórias de vidas diferentes, e é isso que as tornam singulares. Além de exercerem suas atividades particulares, são dotadas de um enorme censo coletivo e ajuda comunitária, como se realmente fossem mães de muitos, muitos outros que não seus filhos biológicos.

São poucos os estudiosos dedicados ao assunto, e grande parte da produção ligada ao tema esta em monografias, artigos, dissertações de mestrados e tese de doutorado. Os números tornam-se ainda menores se restringirmos à questão de gênero. Nesse sentido foi formado o Núcleo de Estudos sobre o Movimento dos Sem Teto de Salvador e questão da Moradia, composto por estudiosos de diversas áreas que pesquisam e discutem o Movimento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal**. Belo Horizonte: Del Rey, Mandamentos, 2003

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997 – 14ª reimpressão.

CLOUX, Raphael Fontes. **A História Urbano do Presente do Movimento dos Sem Tetos de Salvador**/ Dissertação de Mestrado, UNIFACS, 2007.



\_\_\_\_\_. **Movimento dos Sem Teto de Salvador: Sua trajetória a partir da oralidade.**

Em < <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/04/380491.shtml>>

Acessado em 06. 08.07

DEERE, Carmen Diana. **Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira.** Rev. Estud. Fem., jan./abr. 2004, vol.12, no.1, p.175-204. ISSN 0104-026X.

Acessado em 13/05/07

Documento-texto **Quem Somos**, aprovado pelo I Congresso do Movimento dos Sem Teto da Bahia.

GORDILHO, Ângela. **Limites do Habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX.** Salvador, EDUFBa, 2000.

**JORNAIS A TARDE, TRIBUNA DA BAHIA e CORREIO DA BAHIA** no período entre agosto de 2003 e fevereiro de 2007.

MATTEDI, Maria Raquel Mattoso; **As invasões na cidade de Salvador.** In: CADERNOS DO CEAS. Salvador: CEAS, nº. 72. abr. 1981, p. 39 a 50.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil.**7. São Paulo: Contexto, 2004.

PRONZATO, Carlos. Vídeo-Documentário **Movimento dos Sem Teto de Salvador: Ocupar, Organizar e Resistir.** Salvador: La Maestiza, 2004.

\_\_\_\_\_. Vídeo-Documentário **Ocupação da CONDER.** Salvador: La Maestiza, 2006.

Movimento dos Sem Teto de Salvador. **Quem somos e para onde vamos?**

Disponível em < <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/01/303765.shtml>>

Acessado em 13/05/07

Movimento dos Sem Teto de Salvador. **Regimento Interno do Movimento dos Sem Teto de Salvador** – MSTS, aprovado pelo I Congresso Estadual.